

Do esplendor do Cabaré de Maria Boa ao ostracismo do Beco da Quarentena (1942-1950).

Monique Maia de Lima

Jessica Freire Dalcin

Yasmênia Evelyn Monteiro de Barros

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

O referido artigo tem em vista analisar o espaço social da prostituição em Natal, precisamente entre os bairros da Cidade Alta e Ribeira, destacando-se o Cabaré de Maria Boa e o Beco da Quarentena, durante o período de 1942-1950. Desejamos desvendar o caráter de prestígio que caracteriza a prostituição no Cabaré Maria Boa, quando comparada com o ostracismo do Beco da Quarentena. Procuramos interpretar a marginalidade desses grupos, a hierarquia social na escala de valores da sociedade. Contextualizaremos esta problemática com as mudanças vividas pela cidade com a implantação da base militar americana durante a Segunda Guerra Mundial, enfatizando o espaço urbano como local propício ao desenvolvimento da prostituição. Nesse sentido, idealizamos uma discussão acerca dos diferentes status que o ambiente do Cabaré de Maria Boa e o Beco da Quarentena representavam.

Palavras Chave: Prostituição; Marginalidade; status social.

ABSTRACT: This paper aims to analyze the social space of prostitution in Natal. Precisely between the districts of Ribeira and Cidade Alta, highlighting Maria Boa's Cabaret and the Quarantine Alley, during the period 1942-1950. We wish to untangle the feature of prestige that characterizes prostitution in Maria Boa's cabaret, when compared with the ostracism of Quarantine Alley. We seek to interpret the marginalization of these groups, the social hierarchy in the scale of society values. Contextualizing this issue with changes experienced by the city with the deployment of the U.S. military base during the Second World War. Emphasizing the urban space as a propitious place to the development of prostitution. So we made a discussion about the different status that the environment of Maria Boa's Cabaret and the Quarantine Alley represented.

KEYWORDS:

Prostitution; Marginality; social status.

O antagonismo entre o glamour, elegância e sofisticação dos cabarés do início do século XX, e o baixo meretrício nas vielas das grandes cidades, é uma das pretensões do nosso artigo expor, ao apresentar o Cabaré de Maria Boa e o Beco da Quarentena.

Nosso objetivo aqui não é avaliar o cotidiano do meretrício da cidade do Natal, de forma a relatar o dia a dia das prostitutas, mas verificar as relações de poder social que se estabelecem quando notamos as diferenças de cunho econômico que transformam totalmente essas relações, e obviamente contornam seu antagonismo. Concomitantemente, almejamos investigar o caráter marginal e, por consequência, excludente, que as profissionais do sexo vivenciaram. E, nesse sentido, perceber como seu ambiente de trabalho refletia em sua relação trabalhista e em suas condições de sobrevivência.

Para falarmos de marginalidade na História, notamos que somente a utilização dessa palavra é capaz de evocar repulsa. Quando pensamos em seu oposto logo nos vem à mente a moral, as regras da sociedade, os valores estabelecidos pela civilização judaico-cristã, do mundo capitalista e das sociedades industriais e burocráticas. Dessa maneira, todos aqueles que tentam romper com a ética do trabalho e a ideologia do progresso, a lei do lucro, a moral sexual tradicional e a instituição da família, os desperdícios da sociedade de consumo e a poluição de uma nova indústria invasora, são considerados marginais, como tão claramente expõe Jean-Claude Schimitt.

Ainda utilizando o estudo de Schimitt a partir de seu texto *A história dos marginais*, observamos o papel da cidade como foco de marginalidades - o autor evoca este papel na sociedade medieval. Nesse sentido, o desenvolvimento da cidade incita atividades de novos grupos sociais, cuja intervenção pode provocar modificações na hierarquia social e na escala de valores da sociedade. Dentre estes novos grupos, desenvolvem-se outras formas de comércio e negociação. Este é o caso da prostituta. O médico ligado à Faculdade de Medicina de São Paulo, Dr. Moraes Leme, demonstra opinião semelhante ao afirmar:

“Concordemos que nas cidades modernas tudo age no sentido de estimular o apetite sexual: o luxo, a libertinagem, a tendência que impele às diversões – ao teatro, à dança, ao bar, mas principalmente ao *cabaret*, que é uma associação desses três gêneros (...).”¹

Na tradição de pensamento herdada de Rousseau, em que o mais alto nível de sociabilidade favorecido pelo crescimento urbano resultaria numa queda definitiva dos valores morais (RAGO, 2005), enquadra-se a cidade do Natal, quando em 1942, durante a Segunda Guerra Mundial, instala-se no Rio Grande do Norte a base militar americana. A cidade que contava com aproximadamente 55.000 habitantes, recebeu cerca de 10 mil

¹LEME, José de Moraes. **O Problema Venéreo**. São Paulo: Faculdade de Medicina de São Paulo, 1926, p. 66.

soldados americanos, fato que mudou suas feições, extremamente provinciana e pacata. A pequena capital transforma-se na maior base militar norte-americana, fora dos Estados Unidos; adquiriu novos hábitos “americanizados”, causando grandes impactos no cotidiano; e prosperou com a circulação do dólar, moeda de grande valor respeitada em todo o mundo e que viria a ser, depois da Guerra, adotada como referência na economia universal.

A partir dessas reflexões, faremos uma breve discussão acerca da condição da prostituição, de luxo e a de “baixo calão” através das mudanças ocorridas nos costumes e códigos morais da sociedade potiguar, refutando as dualidades e encontrando na subjetividade, no imaginário e nas emoções, a face oculta da prostituição para assim identificar o papel social que ela desempenhava.

Para tanto, faz-se necessário uma contextualização dos locais que ocorrem esta investigação, tendo em vista analisar o *status* da prostituição em dois diferentes bairros da cidade do Natal. Iniciaremos nossa pesquisa através da contextualização do Bairro da Cidade Alta, proclamado como primeiro bairro da cidade, que ao longo de seus quase quinhentos anos, vem transformando-se continuamente com a cidade.

O bairro da Cidade Alta deu início Natal, construído na parte alta da cidade, como a maioria das vilas portuguesas. Em princípio seus moradores eram escassos. Segundo Câmara Cascudo, em seu livro *História da cidade do Natal*, havia aproximadamente 12 casas e que a cidade não passava de uma Vila. Local tradicional da cidade, palco de muitas transformações ao longo do tempo, elitizado, ou seja, ocupado primeiramente pela elite que depois foi deslocando-se para outros lugares, este local nunca perdeu a importância e *status* com o qual foi gerado, mantendo-se sempre em destaque na cidade. Nele está concentrado todo o centro político de Natal e em meados do século XX iniciou sua transformação e verticalização.

O respectivo bairro trabalhado neste artigo é a Ribeira, considerado o segundo bairro da cidade, anteriormente conhecido como Cidade Baixa. Em meados do século XIX eleva sua importância comercial. Neste local foi construído o porto da cidade, constituindo a principal porta de entrada e saída de mercadorias e pessoas. É conhecido também por ser um bairro de efervescência cultural, pois é um ponto de encontro e boêmia da cidade. Foi o primeiro bairro a receber iluminação pública, possuía diversas pensões e hotéis.

Percebemos, partindo desta pequena explanação, as variáveis e predisposições dos respectivos lugares em que foram estabelecidos os locais de prostituição discutidos neste artigo. Dessa maneira, partiremos agora para a caracterização dos ambientes assim como de seus personagens.

Um dos maiores ícones da prostituição norte rio-grandense foi a paraibana Maria Oliveira Barros. Figura que entrou para a história de Natal. Não tinha estudos, não frequentava eventos sociais, nem tampouco tinha amigas dentro da sociedade natalense ao chegar na cidade - década de 1940. A paraibana Maria Oliveira Barros, ou, simplesmente Maria Boa, nasceu em um 24 de junho de 1920, e foi a proprietária do cabaré que se tornou passagem obrigatória dentro da iniciação sexual da vida dos homens natalenses.

Ao chegar em Natal, demonstrou grande visão nos negócios e inaugurou sua casa de prazeres no período em que reinava na cidade ampla prosperidade advinda da fixação da base militar americana em Parnamirim. Aproveitando o fluxo de soldados e grandes personalidades políticas registrados na época, Maria Boa fazia questão de ostentar glamour em seu estabelecimento. Tornou-se uma “grande dama” da sociedade natalense e fazia questão de manter seu negócio longe de olhos indiscretos. A boa qualidade dos serviços prestados era uma das exigências, podia-se sentir sua interferência na escolha das meninas à arquitetura do ambiente.

Respeitada por suas atitudes extremamente reservadas, era assediada por onde passava. Sua companhia significava *status* para o homem que tivesse a honra de desfrutá-la.

“Sua história merece ser escrita um dia, até mesmo porque, por trás daquilo tudo, reinava a figura discreta e influentemente poderosa de D. Maria Oliveira Barros, que avalisava títulos nos bancos para alguns figurões locais.”²

Maria Boa não era só simpatia, também se interessava por livros e cinema. A cidade do Natal da década de 1940 a 1950 era bastante influenciada pelas películas de Hollywood, algumas trazidas pelo próprio exército norte-americano. A jovem foi fortemente influenciada pela moda e estética dos filmes. Vestia-se com roupas costuradas à mão e adorava usar saltos altos, perfumes e ir ao cinema para, inclusive, copiar os modelos das atrizes hollywoodianas. Débora Azevedo em 23 de julho de 1997, em entrevista ao Diário de Natal, sobre um churrasco em família:

“Numa cadeira ao lado, sentou uma senhora usando vestido azul e sandálias pretas. (...) Seus traços físicos

² ARAÚJO. Aurino. **As acontecências do cabaré de Maria Boa**. O Poti, 28 de março de 1995.

ainda guardavam sinais de uma mulher que já fora muito bonita, de belo corpo. Conversei uma hora com a mulher ao lado. Ao final do papo, ela perguntou meu nome. Respondi à senhora e, por educação, fiz a mesma pergunta. Com um sorriso, ela me respondeu: ‘Me chamo Maria de Oliveira’. (...) Alguns minutos após, minha avó se aproximou, comentei com ela: ‘Que mulher distinta e educada, ela parece uma lady do tipo inglesa’. Minha avó disse: ‘Você estava conversando com Maria Boa.’”³

O Cabaré de Maria Boa era um casarão luxuoso, bonito e caro, localizado no bairro da Cidade Alta.

“O visitante, ao entrar, via uma casa recheada de móveis vermelhos, estilo clássico. Um imenso salão com damas dançando tango. Tivesse sorte, talvez ouvisse a voz de Odair José soando na vitrola e dependendo da época que fosse os acordes do piano de Paulo Lira. Veria, caminhando por entre os cômodos, algumas belas mulheres, talvez as mais bonitas que já tivesse visto. Todas simpáticas e à sua disposição. O álcool não faltaria. A cerveja, sempre gelada, estaria distante apenas de um pedido.”⁴

As meninas de Maria Boa eram selecionadas a dedo, consideradas mulheres de cama e mesa. Extremamente refinadas, sabiam conversar sobre tudo. Seus conhecimentos eram proporcionados pela própria Maria em aulas que eram realizadas uma vez por semana.

“As mulheres de Maria Boa eram muito bonitas, eu não sei como se dava a seleção, mas o que posso disser que todas eram muito bem educadas. Eram mulheres de todos os lugares.”⁵

³ Débora Azevedo em entrevista ao Diário de Natal, 23 de julho de 1997.

⁴ FARIAS, Fábio. **A Maria de todos os Homens**. Revista Salto Agulha, 2010.

⁵ Depoimento de Glória Oliveira Barros, sobrinha de Maria Boa, realizado em entrevista.

“As mulheres de Maria Boa tem uma predileção pelo grego, em detrimento do latim. Usam a palavra *gala*, e não esperma. Gala é leite em grego.”⁶

Como forma de evitar as doenças sexualmente transmissíveis no seu estabelecimento, Maria Boa obrigava as suas meninas a manter um padrão de higiene e cuidados com a saúde, fazendo exames periódicos e tomando remédios contra sífilis estando doente ou não.

A importância de tão distinto cabaré é que bem antes de se falar em “turismo sexual” ele já era uma referência turística na cidade. Alguns viajantes que chegavam a Natal eram frequentemente convidados a conhecerem as admiráveis moças de Maria Boa – vale salientar que eram pessoas com boas condições financeiras. Pode-se afirmar, inclusive, que essas meninas foram as responsáveis pela iniciação sexual da maior parte dos jovens de classe alta de Natal.

Existia uma verdadeira preocupação por parte de Maria Boa com tudo que dizia a respeito às meninas que trabalhavam em sua casa. O modo de vestirem-se ao sair deveria ser recatado, não admitia que fossem à rua desarrumadas, vulgares. Chegava até mesmo a admoestar aquelas que desobedecessem as regras.

Acima de tudo, Maria de Oliveira Barros era muito discreta em seus hábitos, algo que transparecia em suas relações comerciais e em seu cabaré; a privacidade era um dos principais atrativos de seu estabelecimento.

Mesmo com toda a discricção conferida por Maria Boa e, por consequência, ao seu cabaré, este foi alvo de um abaixo assinado produzido por alguns moradores adjacentes ao local, com o intuito de fechar o estabelecimento. Tal ação foi refutada por outros vizinhos que não se sentiam incomodados com a presença do cabaré. O caso foi levado à justiça e dona Maria Oliveira Barros ganhou a causa, garantindo a permanência do prostíbulo.

Percebemos as controvérsias da sociedade potiguar através deste incidente. Ainda hoje permanecem no local os altos muros que garantiam a privacidade do estabelecimento. Contudo, a presença do cabaré continuava a incomodar uma parcela, ainda que pequena, dos vizinhos do estabelecimento, denotando assim seu caráter marginal na sociedade. Entendemos, a partir deste episódio, que mesmo o luxo do cabaré, não excluía o verdadeiro estigma que o meretrício carrega na sociedade. Principalmente no início do século XX, quando os bons costumes e a moral ditavam as regras do convívio social.

⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. **História da cidade do Natal**. 2ed. Natal: INL- UFRN, 1980.

Em oposição ao esplendor do Cabaré de Maria Boa, configurava-se a obscuridade das prostitutas oriundas do Beco da Quarentena, lugar repudiado e isolado da cidade, no qual os homens desprovidos de fortuna saciavam seus desejos sexuais. Estes tinham que descer para a Ribeira, onde os prostíbulo eram mais baratos.

Era durante a noite, no bairro da Ribeira, que a boemia era mais popular. Era o local onde se encontravam, a partir da 21h00, as prostitutas, os cafetões e os gigolôs que serviam de inspiração aos poetas e escritores.

Entre as movimentações na Ribeira, está o Beco da Quarentena, um famoso local de promiscuidade no qual os frequentadores buscavam prazeres baratos. Ele é uma passagem entre as ruas Chile e Frei Miguelinho, tem uma largura de dois por sessenta metros de comprimento. O calçamento é feito de pedras irregulares e de vários formatos geométricos. Adjacentes ao Beco pardieiros baixos, que são ocupados por oficina, movelarias, casa de comércio, sucata de ferro, um Café que seria uma espécie de restaurante no qual a imundície impera.

Neste local, encontravam-se quartos escuros e abafados, mobiliados com cama, cadeira desconjuntada e restos de cortinas desbotados nas janelas. Neles se hospedam as mulheres que não conseguiam trabalho em pensões e casas de luxo. Meretrizes que outrora viveram seu apogeu em prostíbulo mais luxuosos terminavam seus dias no indigesto Beco da Quarentena.

“Naqueles anos, apareceu na zona uma novata: morena, de olhos e cabelos negros, que circulou por várias casas noturnas e despertou a paixão de muitos frequentadores. Os seus pretendentes eram selecionados pela disposição de abrir a carteira. Contam que ela terminou os seus dias abandonada e esquecida no Beco da Quarentena, tomando injeções diárias de "914", aplicadas por um enfermeiro da Saúde Pública aos portadores de sífilis.”⁷

A origem de seu nome se deu a partir de um marco social, em um período de grande epidemia, no qual as pessoas que contraíam doenças ficavam de quarentena neste beco. Ao término deste momento, o lugar virou ponto de prostituição barata, para os homens

⁷CORTEZ, João Alfredo. **Beco da Quarentena**. Natal: Romance, 1975

desprovidos de fortuna, e, para a sociedade conservadora e o lugar ficou marcado como maldito.

No início do século XX, muitos homens das Forças Armadas que desembarcavam no Porto localizado próximo ao Beco, chegavam com doenças sexualmente transmissíveis, acabando por contaminar a população através das prostitutas. O grande movimento do Porto possibilitou o aparecimento de brigas e algazarra próximo a esta localidade.

“Gritos histéricos das marafonas. Apitos da polícia. Corrierias loucas pela ruela. Facas luziam à luz das lâmpadas. Valentia dos homens do mar, que vinham satisfazer o sexo exaltado pela continência. O veleiro ‘GUANABARA’, navio-escola da marinha de guerra, estava atracado ao cais. Quando houve o licenciamento, os marujos baixaram à terra em busca de mulheres. A oficialidade procurou as pensões elegantes. A guarnição contentou-se com a Rua Quinze de Novembro e com o Beco da Quarentena.”⁸

“Existia uma famosa prostituta, o nome dela era Ofélia. Ela foi morta à facadas, por causa das brigas que aconteciam no Beco.”⁹

De vida sofrida e lastimante, as prostitutas oriundas do Beco da Quarentena diferenciavam-se e muito das meninas da casa de Maria Boa. Elas viviam mal vestidas, seminuas, mostravam muitas vezes corpos com aspectos doentios; eram consideradas “seres de higiene precária”.

Embora o Beco da Quarentena fosse considerado local de obscuridade - no livro *Breviário da Cidade do Natal*, o escritor Manoel Onofre Júnior finaliza o capítulo *A Zona*: “O velho beco, com seu 'claro mistério', continua maldito. As pessoas decentes o evitam, até mesmo durante o dia, como se o vissem ainda empestado” -, também foi palco de inspiração para os poetas da cidade. O poeta Civone Medeiros Tonig escreveu versos sensuais em seu poema *Bilhete na Ribeira*: “Quero comer teu riso / Não tema! / É instinto! / Insisto! / Se antena! / Na madrugada... Quero te comer no Beco da Quarentena”.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial e a criação de outros polos comerciais na cidade, a Ribeira entrou em declínio. Muitas casas comerciais mudaram de endereço, outras entraram em falência, o Porto perdeu importância com a construção de uma nova estrutura

⁸ Idem.

⁹ Depoimento do Sr. Edimilson, antigo morador do Bairro da Ribeira, realizado em entrevista.

em Macaíba. E, nesse sentido, o bairro como um todo foi relegado ao esquecimento, abandonado. Concomitantemente, o Beco da Quarentena, já desfavorecido, perdeu de vez seu encanto. Não era mais um ponto lucrativo para prostitutas, nem muito menos para donos de casas de jogos. O Beco mal afamado agora é apenas mais um ícone do incrível passado da Ribeira, como disse Moacyr Cirne: "Beco da Quarentena, que seus heróis, santos, putas e bêbados orem por nós. Amém".

Este breve relato caracteriza muito bem o Beco da Quarentena, local em todos os aspectos marginal; passagem pública na qual se exercia toda sorte de contravenções. A prostituição neste ambiente é apenas mais um dos vários elos que compõe seu ostracismo.

Em nossa investigação obtemos claramente algumas respostas de nossas inquietações, mesmo que de forma prematura, já que provem de estudos iniciais, e ainda necessitam de aprofundamento. A revisão bibliográfica e as entrevistas possibilitaram essa verificação.

Primeiramente, as condições de trabalho das prostitutas do Cabaré de Maria Boa e respectivamente do Beco da Quarentena refletiam, por consequência, as condições de sobrevivência dessas mulheres - seu ambiente de trabalho e qualidade de vida estavam intrinsecamente ligados. Enquanto no esplendoroso cabaré primava-se pela higiene, saúde e privacidade, no ostracismo delegado ao Beco da Quarentena reinava o extremo oposto. Educação *versus* selvageria e balburdia.

Os padrões de comportamento eram relegados à fina flor da sociedade, a locais de refinamento conjunto com os prazeres sexuais, o paraíso masculino no qual se discutia os mais variados temas, palco de reuniões e subterfúgio para encontro com belas damas de vida fácil, prontas e satisfeitas ao entregar-se em troca de favores comerciais. Em detrimento de um local insalubre, perseguido por sua má fama, fantasmas de uma peste jamais esquecida, jogatinas, traições, brigas, mulheres capazes de tudo por um pedaço de pão e criminalidade, o aroma da pobreza em seu mais alto apogeu.

Todos esses antagonismos caracterizam de forma contundente o nível de cada um dos ambientes estudados. Entretanto, essas diferenças não são capazes de apagar no ambiente do Cabaré de Maria Boa seu caráter marginal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Aurino. **As acontecências do cabaré de Maria Boa**. O Poti, 28 de março de 1995.

AZEVEDO, Débora. **Diário de Natal**. Natal, 23 de jul. de 1997.

CARDOSO, Ciro Flamarion Santana; VAINFAS, Ronald; ESSUS, Ana Maria Mauad de Sousa Andrade. **Domínios da história: Ensaio de teoria e metodologia**, Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da cidade do Natal**. 2ed. Natal: INL- UFRN, 1980.

CORTEZ, João Alfredo. **Beco da Quarentena**. Natal: Romance, 1975.

Depoimento de Glória Oliveira Barros, sobrinha de Maria Boa, realizado em entrevista.

Depoimento do Sr. Edimilson, antigo morador do Bairro da Ribeira, realizado em entrevista.

FARIAS, Fábio. **A Maria de todos os Homens**. Revista Salto Agulha, 2010.

JÚNIOR Manoel Onofre. **Breviário da Cidade do Natal**. Natal: CLIMA, 1984.

LEME, José de Moraes. **O Problema Venéreo**. São Paulo: Faculdade de Medicina de São Paulo, 1926.

Poema de Civone Medeiros Tonig: **Bilhete na Ribeira**.

PRIORI, Mary Del. História do cotidiano e da vida privada. In: CARDOSO, Ciro Flamarion Santana; VAINFAS, Ronald; ESSUS, Ana Maria Mauad de Sousa Andrade. **Domínios da história: Ensaio de teoria e metodologia**, Rio de Janeiro: Campus, 1997.cap.11.

RAGO, Margareth. **Amores lícitos e ilícitos** na modernidade paulistana ou no bordel de Madame Pomméry. TEORIA& PESQUISA, 2005.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite: Prostituição e códigos da sexualidade em São Paulo, 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

São Paulo: Martins Fontes, 1990.p. 261-288.

SHMITT, Jean-claude. A história dos marginais. In:LE GOFF, Jaques. **A história nova**.